
Exclusão e obliteração: As manifestações da sócio-lógica da subjugação racial em *American Fiction* (2023)¹

Julia Barroso da SILVEIRA²
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

RESUMO

Em *Homo Modernus*, Denise Ferreira da Silva (2022) sistematiza a construção do racial e chega na sócio-lógica da subjugação racial, que se divide em dois aspectos: a exclusão e a obliteração. A fim de explicitar a separação apresentada pela autora, este artigo analisa os debates acerca da racialidade apresentados em *American Fiction* (2023), em que acompanhamos um escritor que não se encaixa no estereótipo de negro desejado pelas editoras. A pesquisa considera um arcabouço teórico que permite pensar identidades e sintomáticas da captura do racial pela hegemonia.

PALAVRAS-CHAVE: racialidade; identidade; Denise Ferreira da Silva; *American Fiction*.

INTRODUÇÃO

Com a popularização dos estudos decoloniais, pensando o enfrentamento das estruturas hegemônicas que possibilitam ainda hoje a exploração e apropriação de corpos racializados, tem sido vocalizada a luta por representatividade. Devido à importância política desses movimentos, parece contraintuitivo ver essas demandas como parte do discurso de produção do racial, como é apontado por Denise Ferreira da Silva (2022) em *Homo Modernus*. A autora localiza ferramentas utilizadas a partir do Iluminismo, começando com a formulação do *cogito* de Descartes, e que foram sendo reescritas para legitimar o Eu transparente, o Sujeito, como aquele que se autodetermina por meio da razão e está localizado no espaço-tempo: a Europa pós-Iluminista.

Essas ferramentas atreladas à ontoepistemologia moderno-colonial seriam também mobilizadas quando as demandas político-simbólicas reproduzem ideias como identidades estanques, a trajetória teleológica de progresso e a conformidade com as

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação Antirracista e Pensamento Afrodiaspórico, XXIV Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGCom-Uerj), email: barroso.julia@gmail.com.

estruturas de exploração para o amalgamento cultural, visto que esses elementos acabam reforçando a tese da transparência por meio da estratégia de engolfamento (Silva, 2022).

A tese da transparência, ao determinar o Sujeito como aquele com a razão interiorizada, localiza o Outro na exterioridade e, por meio das construções históricas e científicas, estabelece o horizonte da morte, uma trajetória para o Outro em direção ao apagamento – que, literal ou simbólico, é esperado e desejado porque o Outro não pode ser atualizado em Sujeito, considerando que não acessa a razão e não se encaixa na universalidade moderna, como mapeado por Silva (2022).

Ou seja, sendo o Outro aquele determinado pela exterioridade, ele está engolfado no Sujeito, capturado como uma versão primitiva e selvagem do Eu transparente, mas com uma diferença irreduzível e insuprassumível (Silva, 2022). Estabelecidos o Eu transparente e o Outro, a analítica da racialidade trazida em *Homo Modernus* passa pelos dois relatos sobre a subjugação racial:

(a) a lógica da obliteração, que escreve as trajetórias dos “outros da Europa” como um movimento em direção à aniquilação [...] porque é absolutamente necessário que a *transcendentalidade* retorne como o único princípio regente das configurações sociais modernas [...] e (b) a lógica da exclusão, que mobiliza a diferença racial visando explicar por que, em determinadas configurações sociais transparentes, os “outros da Europa” permanecem fora do alcance dos seus princípios regentes (Silva, 2022, p. 297).

A lógica da exclusão, que Silva (2022) considera como o relato predominante, engloba conceitos como preconceito e consciência racial, que a autora considera estratégias básicas das relações raciais, mas essa se mantém subordinada à lógica da obliteração, porque sempre há o subtexto do apagamento da diferença e do diferente. Para compreender melhor como esses aspectos se articulam e de que forma as lutas raciais acabam sendo capturadas no discurso moderno-colonial, o artigo considera o filme *American Fiction* (2023) como objeto de análise. A narrativa acompanha Thelonious “Monk” Ellison (interpretado por Jeffrey Wright) em suas tentativas frustradas de apontar a estereotipização da identidade negra estadunidense, e como demarcar as diferenças culturais a partir do racial serve apenas aos grupos hegemônicos.

A FICÇÃO ESTADUNIDENSE E A IDENTIDADE NEGRA

Em *American Fiction*, Monk é apresentado como um escritor bem conceituado que não publica há anos e, atualmente, leciona uma disciplina sobre literatura do sul dos

Estados Unidos. No início do filme, ele é afastado temporariamente da universidade devido a conflitos em sala de aula: questionado sobre o uso da palavra *nigger* por uma aluna branca que se sente desconfortável com o termo, ele argumenta que, no contexto da disciplina e do texto analisado, não há motivo para incômodo, afirmando que ela pode aguentar porque ele, um homem negro, aguenta.

Já neste cenário, vemos a não-conformidade de Monk com o que é estereotipicamente esperado de uma pessoa negra estadunidense. Dentro de um contexto de racismo diferencialista, em que é proposta a absolutização das diferenças (Munanga, 1999), a família Ellison, na verdade, quebra expectativas: filho de um médico, Monk tem um irmão e uma irmã também médicos, ambos com boas condições financeiras que foram abaladas por conta de divórcios recentes. Mas a quebra de expectativa é o problema de Monk com o mercado editorial, que espera um livro que se encaixe em literatura negra devido à racialidade do escritor, uma obra que tenha sido claramente escrita pelo Outro. Em contraponto ao motivo de rejeição de sua nova obra, seus livros anteriores são exibidos em uma livraria na seção de *african-american studies*, ainda que não tenham nenhuma relação com esta categoria além do escritor ser negro.

Monk conhece Sintara Golden (interpretada por Issa Rae), autora de *We's lives in da ghetto* (traduzido como *Nóis vive lá no gueto*), e se depara com a aclamação de uma obra que simboliza a captura do negro pelo mercado editorial, se surpreendendo com a desconexão entre as experiências de Sintara e o que é retratado na obra – uma mulher de classe média escreveu aquilo que os editores procuravam em seus livros, a reprodução do ideal de negro pela tese da transparência, ou seja, uma tradução da diferença racial em diferença cultural, articulação apontada em *Homo Modernus* (Silva, 2022) como parte da sociologia estadunidense do início do século XX.

Sintara afirma ter escrito seu livro a partir do reconhecimento da falta de representatividade negra no mercado literário. Devido a necessidades financeiras e para confrontar essa ideia do que deveria ser a literatura negra estadunidense e apontar o preconceito embutido nas exigências que lhes eram feitas, Monk decide escrever também um livro que siga essa suposta representatividade que era desejada pelo mercado. Assim surge *My pafology*, um livro sobre gangues, violência e drogas assinado pelo pseudônimo Stagg R. Leigh.

O próprio nome escolhido por Monk para essa persona é um deboche, visto que faz referência a Stagger Lee, arquétipo do criminoso negro que desafia as autoridades. Ele constrói Stagg R. Leigh como um criminoso em fuga, e tanto o livro quanto a persona acabam garantindo a venda do livro por um valor muito além do que o esperado por Monk, que, na verdade, torcia pela recusa do material. Além disso, ele recebe a oferta de que seu livro seja adaptado para o cinema. Interessado em se rebelar contra a branquitude do mercado e evidenciar o ridículo da situação testando os limites da representatividade, ele decide trocar o nome do livro, antes com um erro ortográfico, para *Fuck*, e mesmo essa mudança é aceita pela editora e pelo estúdio.

Durante o filme, o personagem principal segue apontando para a audiência de que forma o negro tem sido capturado na sócio-lógica da subjugação racial pelo aspecto da exclusão. Nesse processo, torna-se evidente a problemática de pensar identidades políticas como categorizações estacionárias, visto que, segundo Hall (2005), a identidade é sempre incompleta e em formação, sendo melhor pensar no processo de identificação. A delimitação do que é a identidade alterna é fundamental para a manutenção do Eu transparente, porque a essencialização do Outro delimita o que não é o Sujeito. “Uma identidade cultural particular não pode ser definida apenas por sua presença positiva e conteúdo”, como destacado por Hall (2003, p. 85). Esse é o movimento que inscreve o Outro como parte primitiva e selvagem do Sujeito, o engolfamento mapeado em *Homo Modernus* (Silva, 2022) como elemento necessário para o estabelecimento e a manutenção da colonialidade.

A cobrança de que Monk escreva “como um negro” se relaciona com o que Silva (2022) observou nos estudos de Robert E. Park sobre a Renascença do Harlem no início do século XX. O pesquisador defende a conservação da sócio-lógica da subjugação racial por meio da exclusão ao apontar uma perda de autenticidade no “negro modernizado”, que teria desenvolvido uma autoconsciência sem transparência, se afastando do que era a essência negra – a subalternidade –, sugerindo que, na falta da exclusão, o negro deixa de ser negro, se inscrevendo na obliteração (Silva, 2022).

Canclini (2008), ao trazer a ideia de hibridação, se opõe às identidades estanques e à essencialização étnico-racial. Para o autor, a hibridação considera as contradições e os processos históricos sem ignorar as subordinações e desigualdades. É possível pensar

a hibridação como parte do processo de identificação, mas não sem levar em conta os mecanismos psicológicos afetados pelo ideal da branquitude (Munanga, 1999).

Apesar de momentos em que Monk diz não acreditar em raça ou quando busca uma transparência, fica evidente que sua presença no mundo é marcada pelo contraste racial, como na rejeição de seu livro pela editora ou quando um taxista escolhe pegar o passageiro branco. A raça, não como categoria biológica, mas discursiva (Hall, 2005), sustenta a colonialidade enquanto é sustentada pelas ferramentas de subjugação.

A OBLITERAÇÃO E A FICÇÃO BRASILEIRA

No contexto estadunidense e na trajetória de Monk, destaca-se a exclusão como aspecto da sócio-lógica da subjugação racial. Conforme a elaboração de Silva (2022), porém, a exclusão está inserida no processo de obliteração, o que é evidenciado no cenário brasileiro, bem como no fim de *American Fiction*. A narrativa termina com Monk tentando vender sua história ao mesmo produtor que comprou os direitos de adaptação de *Fuck*, e o acordo é fechado quando o escritor aceita editar o final do roteiro: ao receber um prêmio literário por *Fuck*, Stagg R. Leigh, é assassinado pela polícia no palco. Ou seja, enquanto Monk fazia mais uma tentativa de evidenciar o problema representacional ao roteirizar sua própria história em vez da adaptação de sua ficção, ele novamente teve sua narrativa capturada pelo que seria mais comercial, a morte de um homem negro – ainda que isso não tivesse acontecido na realidade.

Vemos, então, como essa exclusão resulta em obliteração: oferecer um espaço de representatividade para um escritor negro dependia de que ele estivesse inscrito nas delimitações do Outro, ocupando um espaço destinado para um grupo minorizado e fortalecendo a moralidade da branquitude, esta satisfeita em abrir espaços para o diferente, mas garantindo que as fronteiras essencializantes estivessem firmes e, no fim, transformando essa exclusão em apagamento, mostrando que o Outro é matável e sua história serve à indústria do entretenimento.

Essa obliteração se apresenta constantemente no passado colonial brasileiro, mostrando seus desdobramentos ainda hoje. As políticas de branqueamento e o mito da democracia racial buscaram fundar um sujeito nacional afastado do histórico escravista, em uma tentativa de apagar o negro do Brasil (Munanga, 1999; Silva, 2022). Ao contrário do que aconteceu nos Estados Unidos, aqui o racismo universalista buscou a

assimilação por meio da miscigenação (Munanga, 1999), construindo um sujeito destinado ao apagamento, o mestiço (Silva, 2022).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em *American Fiction*, podemos observar como são frustrados os esforços de Monk em combater a essencialização identitária, enquanto ele mesmo lida com seu processo de identificação. As demandas de representatividade, como evidenciado na narrativa, são facilmente capturadas por grupos hegemônicos, garantindo que algumas pessoas de grupos minorizados terão espaços delimitados para alcançar algum destaque, evitando que haja uma mobilização política contra o sistema vigente.

Ao mesmo tempo, o filme permite evidenciar que a exclusão está inserida na obliteração dentro da sócio-lógica da subjugação racial, como proposto em *Homo Modernus* (Silva, 2022), sendo o Outro ainda matável dentro da colonialidade. Em futuras investigações, a dinâmica entre esses dois aspectos pode ser analisada também a partir de outros objetos que permitam a exemplificação dessa diferença. Longe de esgotar o assunto, a pesquisa pretende alimentar o debate sobre formas políticas de restituição que não sejam capturáveis pela ontoepistemologia moderno-colonial.

REFERÊNCIAS

- CANCLINI, Néstor García. **Culturas Híbridas**: Estratégias para entrar e sair da modernidade. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural da pós-modernidade**. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2005.
- HALL, Stuart. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil**: identidade nacional versus identidade negra. Petrópolis: Vozes, 1999.
- SILVA, Denise Ferreira da. **Homo modernus**: Para uma ideia global de raça. Rio de Janeiro: Cobogó, 2022.